

# O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscrive-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 118

TERÇA-FEIRA 19 DE AGOSTO DE 1862

SEGUNDO ANNO

## AVEIRO

O governo decretou a livre introdução de cereaes estrangeiros até ao fim d'abril de 1863. E' portanto evidente que os dados estatísticos de produção, e sobre o estado das nossas searas, que lhe foram noticiados de todos os districtos do reino, deram em resultado que nos faltariam cereaes para o consumo.

Se esta medida foi por ventura tão bem ponderada como era mister que fosse, e se as informações havidas foram verdadeiras, é de alta conveniencia publica a facilidade de importar do estrangeiro, porque acima de todas as considerações economicas de qualquer classe de industria está o alimento das populações.

Se a alta dos preços não era argumento certo e indubitavel, que provasse a necessidade de importação estrangeira, acompanhado contudo dos clamores universaes que a previam, e de informações officiaes das localidades, levou o governo a decretal-a.

Acabou pois o receio de crise alimenticia, do qual havia muito serias apprehensões em todo o paiz, e acabou tambem a tão pobre censura, que se estava fazendo ao governo pela faculdade concedida ao sr. João de Brito, de importar dois mil moios de trigo, com condição de exportal-os em farinha ou em bolacha.

Mas prevista a crise, e pondo-se-lhe talho com as providencias tomadas, transporia o governo os justos limites que as circumstancias reclamavam?

Eis ali o que não sabemos, e o que nos demonstrará o tempo.

Não nos dispensamos porem de reflexionar um pouco sobre o resultado que podem trazer as larguezas do tempo outorgado para a importação.

Sabemos que nas margens do Nilo, do Danubio, e n'outras paragens, cujos trigos costumam abastecer a muitos mercados da Europa, é a colheita deste cereal no presente anno geralmente muito regular, e até em alguns terrenos muito abundante.

Se o nosso commercio, como é provavel, fizer importações na escalla proporcional ao lucro esperado, segundo a comparação dos preços, e já mesmo feito o desconto da baixa presumivel, é quasi certo que até abril futuro se terá importado tanta quantidade de trigo, que dê uma baixa muito consideravel aos preços actuaes, affectando perniciosamente a nossa lavoura.

Parece-nos pois que mais curto devia ser o prazo concedido para a importação do trigo estrangeiro, porque o governo contra os inconvenientes dessa curteza tinha sempre a faculdade da prorrogação, quando a julgasse opportuna, e por este theor com mais segurança poderia attin-

gir o equilibrio possivel entre os supprimentos de alimentações necessarias, e os preços menos ruinosos ao lavrador.

Pelo que respeita á permissão de importar milho n'aquelle prazo, tambem entendemos que não houveram fundamentos cabaes para alongal-o tanto.

O governo para a importação d'este genero não teve, nem podia ter, senão informações mal seguras, e de muita contingencia. Só passado algum tempo é que sobre este assumpto poderia formar juizo seguro.

Parece pois que só muito temporarias deviam ser as suas medidas de provisio.

Quem ha ahi que possa já ter dito ao certo, ou com approximação da verdade, qual deva ser neste anno a colheita do nosso milho, se uma grande parte das searas, como são as dos nossos campos, e terras baixas, está em tal atrazo de desenvolvimento, que ninguém pôde aventar se virão a ter completa esterilidade, ou a produzir grande abundancia, que uma e outra cousa pode succeder.

Nos paizes estrangeiros vae o mesmo; e de alguns sabemos que se esperam grandes colheitas de milho. Tal succede na maior parte da America Ingleza que costuma mandar á Europa quasi sempre grandes porções deste cereal.

Mas se para decretar a sua importação convinha saber as necessidades internas, e para determinar o prazo e condições della, a produção dos paizes que costumam exportar este genero, e não menos a de todos os outros, cujas sobras ou necessidades virão affectar indubitavelmente o preço geral, nós não podemos hesitar um momento em vista do que acabamos de ponderar, que se ao governo não falleceram boas razões para decretar a importação de milho, minguidas as teve elle por certo para tanto dilatar o prazo della.

Cuidamos que houveram ahi demasias de zelo pela salvação publica, que a fome podia comprometer, e tal foi o deslumbramento, que se não viram os verdadeiros interesses dessa industria, tão importante, que nunca poderá ser deixada de considerar como nervo principal do nosso estado.

Porto 17 de Agosto de 1862.

Amigos e collegas.

O collega do *Jornal do Porto* publicou no sabbado uma carta precedida d'um artigo que tinha por titulo «o batalhão de caçadores n.º 9.» Essa carta, assignada pelo actual commandante deste corpo o sr. Paulino, dizia-se ser dirigida ao nosso amigo o sr. José Estevão, e alguns jornaes desta cidade a publicaram, sem lhe occultar, como o que já citei, o nome d'aquelle nosso amigo. O commandante do 9 previnha-o nella de que no seu corpo havia sar-

gentos que tramavam contra a ordem, e pedialle que, mostrando a sua carta ao ministro, pedisse a passagem delles para outros corpos.

Não preciso dizer-vol-o: o vosso bom senso vos terá já certificado que esta denuncia era falsa, tão falsa como era miseravel e proprio de pequenissima alma o motivo que a dictava. O que havia era o despeito do sr. J. Paulino por ver que os seus subordinados não podiam deixar de lembrar-se com saudade do seu antecessor, o sr. conselheiro Marçal, e que desafogavam em manifestações de enthusiasmo e simphathia pela sua memoria. Não podia soffrer que possuindo-o, ousassem lembrar-se d'outro. Unicamente.

Isto era pouco para outro, mas era muito para o sr. J. Paulino. Muito mais foi porem saber que alguns sargentos tinham escripto uma carta de despedida ao sr. Marçal, em que se mostravam gratos ás bondades que tivera para com elles, e expressando o pecaminoso desejo de o possuirem de novo á sua frente. O sr. J. Paulino tomou principalmente para thema das suas iras este desejo, e não poude mais conter-se. Declarou os sargentos revolucionarios, queixou-se ao bondoso general da divisão, e como este repellisse as suas tentativas, recorreu ao nosso amigo o sr. José Estevão.

A carta não chegou ao seu destino. Ainda bem. Ao nosso amigo, mais do que a ninguem, causará hoje asco a mesquinhez de sentimentos do sr. J. Paulino.

Não entro na apreciação dos meios porque foi interceptada essa carta. Tenho muito respeito pelo meu nome para não querer que se julgue que eu o approvo, e teria como uma frente que alguém me considerasse capaz de me servir delles, qualquer que fosse o interesse que d'ahi usufruisse. O que digo simplesmente é que o sr. J. Paulino é infelicissimo com as suas cartas confidenciaes. Lembra-me de ter assistido no tribunal desta cidade á leitura de umas outras de parecida importancia, quando foi da desgraçada questão Ferreirinha-Saldanha. Misérias. Ha homens assim. Não sei se é o acaso, se é a sina delles que anda' apostada a tornar-lhes bem saliente a feição predominante do seu caracter.

Mas uma vez que a carta appareceu na imprensa, é permitido analysal-a. O fim que o sr. J. Paulino levava em vista está desmascarado. O pretexto, esse era falso. Agora duas considerações.

Se o sr. José Paulino não tinha confiança nos seus subordinados, porque o não participou officialmente ao seu superior? Porque se servira d'um meio indirecto? Porque usara de retenciones? Está mesmo a transparecer do seu procedimento, a pouca consciencia que elle tinha do que fazia, e a mesquinhez dos seus sentimentos.

Dizem os poucos affeccionados do sr. J. Pauli-

fazer desaparecer os francezes lutheranos. Poem em execucao ahi, pela primeira vez, este principio da sua politica: crear uma associação secular que, sob um pretexto na apparencia completamente estranho aos jesuitas, é um instrumento ás suas ordens. A Liga divide a França, e o jesuita Jacques Clemente fere Henrique 3.º Henrique 4.º, por uma eventualidade da fortuna, vem a ser rei, e pacificador, promulga o edicto de Nantes. Os jesuitas João Chatel, e Ravailac, depois de uma tentativa inutil, conseguem por sua vez assassinal-o.

Elles são com Richelieu contra os protestantes e sobrevivem aos stigmas indeleveis das *Cartas provinciales* de Pascal. Governam com Luiz 14.º, o rei-jesuita, e preparam, durante todo o seu reinado, esta obra horrivel, a revogação do edicto de Nantes, que enfraquece a França, e dá um golpe tremendo na liberdade de pensar. No seculo decimo oitavo, depois de haverem inspirado Maria Alacoque, sustentados pelas associações seculares do *Sagrado Coração de Maria da Cruz*, do *Santo Sacramento*, do *Santo captiveiro da mãe de Deus*, que attingiam o numero de sete centas, elles ousam romper com o rei. São com Damiens, quando fere Luiz 15.º O padre Lacroix, jesuita, não acabava de imprimir que *um homem proscripto pelo papa pôde ser morto em toda a parte!* Os jesuitas não cuidavam só de região e de politica: empregavam todos os meios de engrandecer a sua Ordem. Davam-se ao commercio, e foi a fallencia do padre Lavalette, da Martinica, que obrigou o parlamento de Paris a examinar os seus estatutos, e a propor a expulsão desta Ordem, que perturbava o Estado. Sob o influxo do espirito novo dos encyclopedistas, o exemplo da França

no, que o defendem — porque desgraçado será o individuo que não tenha quem o defenda, ainda na mais atraigoada e nauseante acção que possa commetter-se, especialmente quando se occupa certa posição, — dizem, repito, que o sr. Marçal deixára o corpo de caçadores insubordinado, e que o sr. J. Paulino fôra em consequencia d'isso obrigado a usar de medidas de rigor para manter a disciplina. Se isso é assim, o que não creio, existia insubordinação. Porque não accusou pois o sr. J. Paulino essa insubordinação? Porque se serviu d'um pretexto falso, se tinha uma razão verdadeira? Para que calunhiou, bastando-lhe dizer a verdade? Deste modo o sr. J. Paulino teria sido inepto; e é esta uma das pontas em que se collocou. Ou inepto ou... calunhiador.

O que ia resultando de tudo isto era um conflicto grave. A officialidade do batalhão indignamente comprometida pelo seu commandante revoltou-se contra este, e faltou apenas a faizca que, caindo no paiol, basta para produzir um grande incendio. Estive em S. Bento no domingo, e apavorou-me a attitude ameaçadora, mas digna, do batalhão. No tempo do J. Passos, a revolta seria inevitavel, porque pouco bastava para converter n'isso o descontentamento que lavrava por officiaes, e sargentos, e soldados.

O que resultou foi a expulsão do corpo de quatro ou cinco officiaes, e trez sargentos. Mas porque só estes, quando todos eram igualmente culpados pela sua affeição ao meu amigo o sr. Marçal, e todos assignaram a despedida que poz em carne viva a chaga da rivalidade do sr. J. Paulino? Resta-me saber isto; assim como porque meos o sr. J. Paulino conseguiu enganar o digno ministro da guerra, depois de não ter logrado comprometter nos seus indignos manejos uma pessoa cujo caracter por tantos titulos elle devia respeitar.

Meus caros redactores: o nosso pequeno exercito, para cumulo de infelicidade, está sujeito a estas pequenas intrigas, que em outro paiz ou não existiriam, ou seriam severamente castigadas, e em quanto ellas existirem nunca pode ser bem disciplinado, nem merecer a consideração que deve ter. Este é o facto. Publicai-o no nosso jornal, porque além das razões particulares que me dizem respeito, entendi que devia dar noticia d'elle aos nossos leitores.

Vosso collega e amigo  
A. P.

Amigos redactores.

Recbi hoje a folha do *Bem Publico*, que me mandastes para que visse as amabilidades com que sou ali tratado pelo seu illustre redactor Sousa Monteiro, quando quiz contrariar o que eu disse em referencia ás suppostas pintas de sangue vistas no pão da mulher de Angeja.

foi imitado pela Europa inteira e os jesuitas, expulsos de toda a parte, viram-se obrigados a refugiarem-se na Russia.

Veio a immortal revolução franceza com suas ardentes peripecias. Os jesuitas, não tendo poder algum em França, operaram em Italia. Armaram os assassinos do general Duphot. Mais tarde Fra-Diavolo, assistido d'um cardinal e sustentado pelos famosos *San Fedistes*, não cessou de combater os francezes no reino de Napoles. Logo que a a ordem foi restabelecida, os jesuitas de novo entraram em França com o nome de Padres da Fé. Em 1806, «M. Emery, superior de San Sulpicio, formou, sem opposição alguma da parte da policia, certas assembleas religiosas, que tinham por objecto fortalecer os fieis na pidade; tinham n'isso mesmo analogia com as antigas congregações... Desde o anno de 1808, sob a direcção d'um jesuita conhecido, a congregação fundada sob a invocação da Virgem (denominação, que tinha no tempo da Liga) tem como a Liga, seus officiaes, seu presidente.» (Montlosier.)

São estas congregações que assustaram as povoações do meio dia da França por meio d'este *terror branco*, mais para receiar que o terror vermelho.

Os jesuitas, saindo do mosteiro de Saint-Acheul, que lhes servira de retiro em França, achavam-se em face da nova sociedade creada pelo anno 89, cuja existencia vinha pôr em duvida a restauração da familia Bourbon. Em lugar de se submeter ao espirito novo e de levar em conta o progresso realzado, Luiz 18.º e sobretudo seu irmão Carlos 10.º, lançaram-se nos braços dos jesuitas e da famosa Congregação, irritaram, opprimiram a França, que os expulsou, a ellea e a seus alliados. (Continúa.)

## FOLHETIM

### OS JESUITAS

EM 1861

Communidades religiosas  
Associações clericas

POR CARLOS HABENECK.

(Continuação do n.º 117)

#### II

O segredo da força do jesuita está na sua collectividade. Não é um homem, dizia eu ha pouco: é uma sociedade á parte no seio d'uma sociedade, cousa mais forte ainda do que o clero, de quem se disse que era um Estado no Estado. Ha associados, que tem entre si todos os graus de parentesco, desde os mais proximos até os mais remotos: é a mesma massa compacta; é a mesma Companhia vestida diferentemente, mas armada pela mesma causa e com as mesmas armas. Os proprios chefes formam entre si uma associação mais intima. No Occidente, o estado-maior do partido chama-se Sociedade de Jesus, e o nome de cada um é jesuita. No Oriente é a Sociedade dos Kouan; os individuos são os der viches.

Mas aqui não se tracta se não da França: é pois da Sociedade de Jesus que primeiramente nos occuparemos, e começaremos por um retrospecto sobre o passado; e respecto importante, por que a politica e a tactica da Ordem não mudaram, e dizer o que ella fez, é quasi dizer o que faz ou o que desejava fazer.

A Sociedade de Jesus é uma interpretação do catholicismo, do mesmo modo que o catholicismo era uma interpretação do christianismo. O problema, que estas duas grandes formas, mui diferentes da organização intellectual, tem procurado resolver, é este: das doutrinas do Christo, simples e livres, compor o mais absoluto systema auctoritario. Quando o protestantismo se levantou contra Roma e lhe provou que pela primeira vez deixara de achar-se a solução, veio então ao mundo o jesuitismo. Afastando-se um pouco das maximas rigoristas do catholicismo, o dogma novo, isto é, o jesuitismo, vendo que os fieis já não queriam procural-o, procurou elle os fieis, especulou com as paixões, que já não podia senho-rear, aproveitou todas as occasiões, empregou todos os meios; fez-se humilde escravo do papa, ao qual tinha intenção de substituir-se na direcção dos interesses espirituaes da humanidade (o que explica o antagonismo, ás vezes mui pronunciado, entre os papas e a sociedade de Jesus); emfim, com menos circumspecção, procurou substituir a sua acção á do clero regular, intervir na vida politica das nações. — Ahi estreitou-se pelo assassinato.

O grande inimigo do jesuitismo é a liberdade de pensar, encarnada, até 1789, no protestantismo; contra elle é que entrou em campanha. Quando elle apparece no decimo sexto seculo, é para se pôr ás ordens do rei de Hespanha. Será porque se interesse por Philippe 2.º? — Não; — mas Philippe tem por inimigos os flamengos protestantes e os francezes protestantes e catholicos. Os jesuitas armam o braço de Salicide, que fere o principe d'Orange, depois aliançam-se com os catholicos de França para

Li pois e reli o seu artigo, e afóra algumas chufas insolentes (que não depõem muito em favor da sua urbanidade e delicadeza) nada pude colligir do que o illustre articulista do Bem Publico quiz dizer. E' ou não o facto narrado pela mulher de Angeja um milagre? Eis a questão.

Perdono a s. s.<sup>a</sup> todas as suas sarcásticas expressões, visto que quer que fiquemos amigos, perdono-lhe tambem por caridade, que é dever de christão, e até mesmo por uma razão muito medica, que eu talvez ainda lhe explique.

Mas em fim se s. s.<sup>a</sup> quer discutir, e não injuriar, diga-me, o que eu não pude entender do seu artigo em referencia ás nodos de sangue apparecidas no pão da mulher de Angeja. — E' aquillo, ou não um milagre?

Eu entendi que o não é; porque a sciencia o explica o explica muito satisfatoriamente e eu animado com o pocachinho que tenho lido disse «que as manchas suppostas de sangue apparecidas no pão eram devidas a um cogumello de cor rubra que nelle vegeta, dadas certas circumstancias, como vegeta tambem nos carões e nos canoios do milho etc.»

Este cogumello ou tortulho (esta especie de bolor rubro) é conhecido pelos botanicos, e designado com o nome de *oidium aurantiacum*. Esta planta reproduz-se por *sporulos*, especie de semente que póde, á vontade do experimentador, sobre qualquer pedaço de pão, fazer-se nascer e reproduzir.

Esta poeira vermelha, este bolor rubro, chamado por alguns *tortulho do pão*, como o *oidium tukeri*, como muitos outros parasitos vegetaes, desenvolve-se algumas vezes, e reproduz-se prodigiosamente grassando como uma especie de epidemia (deleuquem a impropriedade do termo) e haverá cerca de vinte annos, que isto aconteceu em Pariz ao pão da guarnição, o que deu serios cuidados ao governo de então, para obstar-lhe ao progresso.

Ora se isto é assim tão conhecido, e positivamente demonstrado para que fazer do phenomeno acontecido ao pão da mulher de Angeja tanto alardo? Para que ir enterrar o pão em sagrado? Para que fazer d'isto que é tão natural um milagre?!

O que expliquei é uma cousa sabida, positiva, palpavel, demonstrada, e demonstravel; e se a não sabe o illustre redactor do Bem Publico é por culpa sua — mas nem por isso lhe chamarei ignorante, titulo com que s. s.<sup>a</sup> teve a bondade de mimosiar-me, e com tanta abastança e prodigalidade que não tenho remedio senão agradecer-lho, e muito para não faltar aos deveres de civilidade.

Mas o sr. Sousa Monteiro, em continuação do seu bem elaborado *espiche*, e depois de deplorar muito a minha ignorancia historica, quiz dar-me uma especie de *pitada reminiscente* ou quer que seja (o que tudo muito lhe agradeço) e diz que «a historia conserva a lembrança de muitos casos, em que da hostia consagrada caíam gottas de sangue; especie não prevenida na minha explicação, pois que eu não dissera que tambem haviam *cryptogamas liquidos* que caísem gotta a gotta.»

Ora esta é que é de arromba illustre redactor do Bem Publico! — E' uma subtilidade digna da vossa grande cachola!

Que explicação quereis pois que eu dê a semelhante coisa?! Se tal foi visto por alguém com os olhos da fé, respeito com acato a sua santa cegueira; mas se foi com os olhos que Deus deu aos homens para esclarecer a intelligencia, e a razão, digo-vos com toda a energia da convicção, que é uma mentira, uma puerilidade muito ridicula emquanto a medicina não, explicar *por caridade a visão*, com alguma suffusão do cerebro.

Historias destas e analogas ha muitas; mas nem por isso há *grande ignorante* quem as não saiba todas: proximo a Aveiro, em Esgueira, ao qual cresem os cabellos, e as unhas: o Senhor dos Passos, em Lisboa, tem um calcanhar mordido por um judeu, que ainda hoje verte sangue. Ha crucifixos que suam agua, outros que suam sangue; outros que se descravam para abraçar qualquer hypocrita: outros que fogem desta para aquella capella, ou gruta, etc. etc., e se se quizer mais milagraría desta laia, é vir a esta terra em que escrevo, onde a abundancia farta em demazia.

Mas o que tudo isto quer dizer, e que o illustre redactor do Bem Publico parece não saber «é que se o christianismo não tivera uma origem divina, teria acabado no meio de tantas peripeccias ridiculas com que os zelosos tartufos o pretendem exaltar.» Entende-me?

Aquelles que recorrem a taes imposturas para comprovar os mysterios augustos da religião, são uns hypocritas, que em nada crêem; porque se a fé não lhes basta para crer nos mysterios, baldado esforço é, querer demonstral-os ou vê-los com os olhos corporaes; os mysterios deslumbram como o sol quando se encara fixando-o, e os olhos nada vêem depois.

O sr. Sousa Monteiro é um *nolime tangere* tão sioso pelos jesuitas (retiro a expressão se offende s. s.) que até suppoz que eu quiz dar-lhes «um piparote» (frase de s. s.) com a palavra *chylo*, e pará me castigar do supposto arrojio, acrescenta que eu «dera dois murros em mim ao escrever tal palavra». E' isto uma bonita allegoria que tem seu cheiro a oriental — é arabe talvez: — mas eu ficava mais satisfeito, e os *innocentes jesuitas* mais vingados se o illustre redactor do Bem Publico tivesse a bondade de fazer tambem dos taes murros mais *um milagre dos seus*. Se lhe custar muito fazer de dois murros um milagre inteiro, — ao menos faça o illustre redactor meio milagre. Eu julgo que a coisa não lhe será

muito difficil; pois não acha fóra do commum, muito extraordinario mesmo que eu desse dois murros em mim (logo dois, apre!) ao escrever a *chylo* em referencia aos jesuitas. O que admira é eu não ficar coberto tambem do tal bolor vermelho como o pão da pobre mulher de Angeja.

Desculpae amigos redactores do *Districto* estas divagações. Eu ha tanto que não rio, nem tenho de que me rir . . . . mas o vosso collega do Bem Publico quiz rir-se comigo, e como o rizo é contagioso, rio-me tambem com elle, mesmo sem querer — é um contagio por imitação.

Voltando ao que é serio direi, concluindo, ao illustre redactor do Bem Publico «que eu respeito o clero por todos os titulos da sua sagrada missão, a qual eu por vezes tenho tido occasião de apreciar bem de perto; mas que este respeito que lhe tributo não me leva á cegueira, que me impossibilita de extremar naquella classe padres honestos, e muito dignos pelas suas luzes e virtudes, de entre um sem numero de palhaços ridiculos. Estes hypocritas sanhudos, é que em todos os tempos apparecem para escarnecio da humanidade e só se servem da religião para especular com a credulidade do vulgo, ou como arma politica para fins mundanos, e até sacrilegos.

A sua tactica sabe-a muito bem o illustre redactor do Bem Publico — Em todos os tempos tem visto sempre milagres, nas coisas mais trevias; acham sacrilegos nas coisas mais innocentes, e depois de embalarem por tal arte o vulgo n'uma tenebrosa ignorancia, levam-no ás praças para applaudir com zelo infernal essas carnificinas feitas, em desaggravo de Deus e da religião, aos pedreiros etc etc. que a historia de todos os tempos está narrando para horror e opprobrio da humanidade.

Se pois é isto o que agrada ao redactor do Bem Publico continue a fazer côro como lhe aprouver, mas por Deus não queira impôr de religiosidade a quem lhes sabe as manhas já ha muito.

Se julgardes conveniente transcrevei no vosso *Districto* esta resposta que dou ao sr. Sousa Monteiro, e sou

Vosso amigo e patricio  
Braga 15 d'agosto de 1862.

Santos Pacheco.

### Os clerigos que renunciam ás ordens sacras podem casar?

Deparamos no «Jornal do Commercio» de Lisboa com o interessante artigo, que em seguida publicamos:

«Do «Siècle», jornal de Paris, traduzimos um artigo acerca da decisão de um tribunal francez sobre o ponto que serve de titulo a este artigo.

E' importantissima a questão, e versa sobre um assumpto, que entre nós se acha ainda por decidir.

Em França, onde existe o casamento civil, é facil resolver como o tribunal de Perigueux; mas em Portugal, sendo o casamento primeiro que todo um sacramento, e não podendo haver portanto contracto civil, sem a sanção religiosa, o clerigo que renuncia ao sacerdocio, não poderá casar, por lhe obstar a disciplina da igreja, que o considera em estado de impedimento dirimento perpetuo, pelo facto de receber as ordens sacras.

São tão luminosos e tão verdadeiros os principios em que se basea o artigo do «Siècle», que muito convem derramal-os, para que tambem em Portugal se realice quanto antes o importantissimo estabelecimento do registro civil.

Mais vale que o clerigo que deixou de o ser gosse amplamente, sem excepção alguma, de todos os seus direitos de homem e de cidadão, do que viver andando em fogo impuro, na phrase de S. Paulo, e com escandalo da sociedade.

Vae-se aproximando o tempo de uma radical reforma na disciplina ecclesiastica. Em Portugal ainda estamos bastante atrasados nesta parte. A França é um paiz catholico, e comtudo lá vigora o registro civil, sem nenhuns inconvenientes.

Ha pouco proclamavam ahi o ensino livre, pela liberdade das consciencias, sem advertirem que essa liberdade das consciencias, nesta nossa terra, está ainda, como em embrião, pois que até o registro civil é uma coisa quasi impossivel de realisar.

Eis o artigo do «Siècle»:

«O tribunal de Perigueux, depois de aturada controversia, resolveu ultimamente uma das mais importantes questões de direito e de moral, levantadas desde que se reconheceu a independencia entre o Estado e a igreja.

Tratava-se de saber, se o clerigo de ordens sacras renunciando o sacerdocio, póde reassumir todos os seus direitos de cidadão, ficando equiparado a todos os demais cidadãos, e podendo, por conseguinte, casar-se, ser pae de familia, e transmittir legitimamente a sua herança aos filhos.

Esta questão foi muito controvertida depois da concordata, e de não se assentar n'uma resolução definitiva e precisa, provieram não poucos escandalos. Muitos clerigos, que renunciavam o sacerdocio, apresentavam-se ás auctoridades do registro civil, para contrahirem matrimonio, baseando-se em que por nenhuma lei se achavam privados dos seus direitos de cidadãos. Mas aquellas auctoridades negavam-se á celebração do matrimonio, allegando varias circulares ministeriaes de remota data. D'aqui resultava que esses pobres ex-clerigos, na impossibilidade de legalisarem o matrimonio, e resolvidos, ao mesmo tempo, a desistirem das ordens sacras, e a viverem

em familia, viam-se forçados a uniões illegaes e escandalosas.

Um ex-clerigo, o sr Brou de Laurière, teve mais decisão, que os seus companheiros. — Não descoroçou com a resistencia das auctoridades civis, recorreu á justiça, e ao tribunal de Perigueux, cujos votos eram varios, promulgou afinal um accordão, que, na nossa opinião, é simplesmente uma das coisas mais notaveis desta epocha.

E' sabido que nos principios do christianismo, os presbyteros podiam casar, e que os mais veneraveis bispos eram ao mesmo tempo dignissimos chefes de familia. O catholicismo depois introduziu na igreja o celibato.

Os cultos gregos resistiram a esse uso; os cultos protestantes restabeleceram o antigo regimen, e muitos, e mui respeitaveis catholicos, entendem que o catholicismo lucraria com a abolição do celibato clerical. Mas não se trata agora de discutir este ponto, de que nos não occupamos. Comtudo a questão que se ventila, e que o tribunal de Perigueux resolveu, e que já a revolução havido decidido, tem intima relação com aquelle.

Póde qualquer renunciar para sempre os seus direitos de cidadão? Aquelle que se dedica ao sacerdocio não poderia ter sido enganado, ou não se terá enganado acerca da sua vocação? E quando conhece que o enganaram ou que se illudiu, para que não seja um mau clerigo, não poderá, não deverá até recuperar os seus direitos de cidadão, e entrar outra vez na vida civil? A revolução quando aboliu os votos perpetuos, respondeu affirmativamente a estas interrogações; e muitos clerigos, muitos frades, muitas freiras, renunciando ás ordens, e aos votos, casaram-se, e fundaram familias, que não são as menos respeitaveis da França.

Mas, como dissemos, depois da concordata, começaram os escrúpulos. — Um aviso ministerial de 14 de janeiro de 1806 estabeleceu uma prohibição, que não tinha fundamento legal; outro aviso, de 30 de janeiro de 1807, reiterando a prohibição, restringiu-a ao caso em que o clerigo que desejasse casar houvesse pela segunda vez renunciado as ordens.

Finalmente, um accordão do tribunal real de Paris, de 18 de maio de 1818, declarou, n'uma causa intentada por parentes collateraes, que era nullo o casamento de um clerigo, sem embargo de se não achar comprehendido na disposição do aviso de 30 de janeiro de 1807. Nestes precedentes, e em outros casos julgados, como o do tribunal supremo em 1833, se baseou a pratica de negar o matrimonio aos clerigos que renunciavam ás ordens.

Diremos que isto era uma pratica, porque nas nossas leis não havia nenhuma prescripção a similhante respeito. Foi isto o que reconheceu o accordão do tribunal de Perigueux, e com tanta clareza e tão elevada perspicacia, que acaba com todas as duvidas.

Eis o accordão, merecedor da mais seria e profunda attenção:

«Visto que em face do codigo Napoleão — o casamento é um contracto puramente civil, para o qual são aptos todos os cidadãos —, que o mesmo codigo não declara inhabeis;

«Que debalde se procuraria nas nossas leis qualquer disposição que obste ao casamento do clerigo catholico, — o qual, pelo facto de receber as ordens sacras, não perde nem a sua qualidade nem os seus foros de cidadão—;

«Que a lei organica dos cultos de germinal do anno X é tão omiissa neste ponto importante, como o codigo;

«Que quando o legislador se cala não pertence ao magistrado fallar por elle —, baseando em considerações moraes e religiosas, por certo respeitaveis, mas sem fundamento na lei civil, uma prohibição que esta não auctorisa;

«Por estes fundamentos, o tribunal, resolvendo o seu julgamento de empate de 8 de janeiro de 1862, e aceitando as declarações dos maíres de Perigueux e de Cendrieux de que submettem o caso á justiça, declara e ordena que eses officiaes do estado civil procedam á publicação dos banhos e á celebração do casamento de Bron-Laurière com Isabel Fresanges; ordena mais que este accordão seja inserido nos registos do estado civil das mencionadas communas de Perigueux e de Cendrieux, etc.»

Este accordão prima tanto pela simplicidade, como pela clareza. Não tem palavras de mais, nem phrases pomposas para cegar; é a verdade, é a justiça expostas com energia e substanciosamente. E' um accordão que sem se envolver em opiniões contradictorias estabeleceu o direito, e affirmo-o sem hesitação.

Portanto, a ninguém é permittido alterar o caracter do matrimonio. E' um acto exclusivamente civil, alheio ás obrigações religiosas de qualquer natureza, sejam votos ou juramentos. E alem d'isso, mesmo quando o padre abdicar para sempre as condições da vida civil, pelo facto de receberem as ordens sacras, a lei não reconhece n'esse acto, a renuncia perpetua dos seus direitos de homem e de cidadão. O legislador, sendo omisso neste assumpto, reconheceu que os direitos de cidadão sobrepunham tudo, e que só elles são indeleveis e indestructiveis. Assim confirmou a doutrina da abolição dos votos perpetuos.

O accordão do tribunal de Perigueux, é a expressão da verdade. Porventura um mancebo póde confiar na sua vocação, aos vinte e dois annos d'idade, sendo educado n'um seminario, exaltado pelos paes e pelos mestres, que lhe pintam o estado sacerdotal como o mais suave, o mais seguro e o mais facil? E quando a vocação cança, não de condemnal-o a ser toda a sua vida um

mau clerigo? Não será mais moral, e mais social, que recupere os seus direitos de cidadão que abdicou involuntariamente, que volva a vida civil, e que, pensando e sentindo como lhe dicta o seu coração, seja esposo, pae e chefe de familia? Por que ha de pesar sobre o illudido um anathema perpetuo? Por que hão de fazer delle um paria no meio da sociedade, e se de facto renunciou as ordens sacras?

Talvez o tribunal de Perigueux não saiba quantas benções lhe valerá o seu accordão. . . . Quantos pezares, quantas dores profundissimas tem vindo desafogar connosco, nesta nossa vida de jornalista? O' vós todos, corações ulcerados, que vos illudistes ou fostes illudidos, julgando que podeis viver eternamente isolados no meio da sociedade, ahi se vos abre a porta, pela qual legalmente podeis entrar a gosar as santas alegrias da familia, não mais escandalareis com uniões equivoacas os que sinceramente amam a religião: casae vós. Os verdadeiros sacerdotes ficarão, e serão ainda mais venerados.

Léon Plée.

## TRIBUNAES

### RELAÇÃO DO PORTO

Autos distribuidos na sessão de 13 d'agosto

Appellações civis

Porto — D. Maria de Jesus Carvalho e marido, contra Joaquim Pinto da Silva e filhos; juiz Oliveira, por impedimento Abranches, escrivão Silva Pereira.

Regoa — João Rodrigues Serio, mulher e outros, contra João Martins Vieira e mulher; juiz Aguilar, escrivão Albuquerque.

Aggravos

Fafe — Francisco Fernandes e mulher, contra José Custodio Fernandes; juiz Lima, escrivão Albuquerque.

Marco de Canavezes — Antonio José Teixeira Taveira, contra a camara municipal; juiz Lopes Branco por impedimento Silveira Pinto, escrivão Cabral.

Feira — Bernardino Corrêa da Encarnação e outro, contra Maria Joaquina e marido; juiz Sarmento, por impedimento Barbosa, escrivão Sarmento.

Penafiel — Bernardino Teixeira, o Lisboa, contra o ministerio publico; juiz Cerqueira, escrivão Silva Pereira.

Fafe — (Carta testemunhavel) Francisco Fernandes e mulher, contra Antonio Fernandes; juiz Lima, escrivão Albuquerque.

Arganil — O ministerio publico contra o juiz de direito; juiz Casado, escrivão Cabral.

Fafe — Francisco Fernandes e mulher, contra Domingos José Fernandes Guimarães; juiz Castro, escrivão Sarmento.

Castro Daira — O ministerio publico, contra o juiz de direito; juiz Pitta, escrivão Silva Pereira.

Marco de Canavezes — José Pinto Pereira, contra o ministerio publico; juiz Barbosa, escrivão Albuquerque.

Fafe — Francisco Fernandes e mulher, contra Antonio Fernandes; juiz Pinto, escrivão Cabral.

Para a sessão de 20 d'agosto

Arcos — O padre José Manoel da Costa, contra o ministerio publico.

Monte Alegre — O ministerio publico, contra o juiz de direito.

## EXTERIOR

Dos jornaes do correio de hontem extrahimos o seguinte:

Varsovia 8. — Foi um obreiro littographo que desparou a pistola sobre o marquez Wielopolski quando o marquez se apeava do coche em commissão de Uacienda.

Londres 8. — O «Times» diz que de Milão, Genova e Lione marcham voluntarios garibaldinos, não alistados, mas assim de sua propria vontade e á sua custa, a unirem-se ao movimento. O «Morning-Post» continua os seus ataques contra Garibaldi, e crê que sua intenção não ohterá bom exito.

No discurso do encerramento do parlamento, lido pelos commissarios da corôa, diz-se que sua magestade tem visto com prazer as relações amigaveis estabelecidas entre os inglezes e os numerosos estrangeiros que este anno tem estado no reino unido.

Turin 8. — Na camara pos dequitados Mr. Ratazzi respondeu que não tem havido encontro das tropas e Garibaldi, e que espera não lógrará esse desagradavel caso. O espirito das tropas é excellento.

Garibaldi leva 3000 homens. Alguns supõem que as tropas evitam dar alcance a Garibaldi, porque este arrependido trata só de ganhar um ponto onde possa embarcar.

Paris 8. — Toda a imprensa se mostra unanime em condemnar a conducta de Garibaldi. Parece que a Inglaterra e a França separadamente pediram satisfação ao Perú pelas offensas feitas aos seus nacionaes.

O vice-rei do Egypto está muito doente, e sua numerosa comitiva chegou a Paris. S. Alteza ahi permanecerá até vêr a grande revista do dia 15. Continua agitação na Siria.

Acaba do publicar-se o primeiro numero do periodico «A França».

Paris 9. — Assegura-se que o imperador receberá o novo embaixador Hespanhol.

Turin 9. — Diz a «Gazeta official» que 3:000 garibaldinos se dirigem, segundo parece, sobre Messine.

Na camara dos deputados, «Ratazzi» fallou das rumores de um encontro entre as tropas e os garibaldinos, perto de Girgenti.

Turin 9.—Ratazzi tem sido muito reservado sobre o que se passa na Sicilia. As perguntas dos deputados responde que nada ha official. Dizem que os garibaldinos se dividiram em tres fracções, porém que Garibaldi não marcha com nenhuma d'ellas. Outros contam que a 5 do corrente houve um choque entre as tropas reais e os garibaldinos, de que resultou quatro ou cinco mortos.

Espera-se n'esta cidade uma manifestação em favor de Garibaldi.

Reina agitação e activas communicações entre esta capital e a França.

Vigo 10.—Entrou n'este porto e passou ao lazareto a corveta de guerra brasileira «Imperial» marinheiro, de 16 canhões, e se dirige ao Porto.

Cadiz 10.—Esta tarde ás 6 horas parte d'este porto a esquadra commandada pelo general Piuron, que deve visitar os portos do Pacifico. Os navios que saem esta tarde são as fragatas «Resolução» e «Triunpho».

Turin 10.—Confirma-se o encontro occorrido perto de Girgenti entre as tropas e o governo. Os garibaldinos tiveram mortos e arrojaram ao campo da acção 70 espingardas.

Os caminhos de ferro napolitanos foram concedidos á casa de Bostoggi.

Roma 8.—Julga-se emminente alguma intenção contra os Estados Pontificios. Não cessam de chegar tropas francezas, e mr. Montebello afirmou ao papa que o imperador está resolvido a fazer respeitar a auctoridade e o territorio Pontificio.

Marsella, 9.—As tropas francezas occuparam Ceprano, primeira estação do caminho de ferro romano na fronteira de Napoles. O general Montellano preveniu as tropas pontificias que não empellem acção isoladamente.

Em varias casas de Roma arvoraram bandeiras italianas. Foram arrancadas e fizeram-se prisões.

Agitação em Napoles, mas o governo está alerta.

Na camara dos deputados fallou-se de um encontro entre as tropas e uma partida de voluntarios, em que as tropas reais tomaram 50 espingardas e fizeram alguns prisioneiros. Alguns Garibaldinos feridos. Parece que trez deputados demócratas seguem o general revolucionario.

Ragusa, 9.—O Montenegro levantou-se em massa. Todos combatem, velhos, mulheres, e meninos.

Varsovia, 9.—Por motivo do anniversario da imperatriz se concedeu uma ampla amnistia, especialmente por delictos politicos.

Londres, 9.—Nova York, 30.—O general Pope está com 60000 homens no Valle de Virginia. O general Evell com 30:000 perto de Godomville. Os federados bateram um corpo consideravel de confederados em o Missouri. Espera-se uma grande batalha perto de Chaltanoga.

Pariz, 9.—Escrevem de Vera-Cruz que diariamente se augmentam as guerrilhas contra Juarez, nas cercanias da capital do Mexico.

Diz-se que Garibaldi celebrou um conselho de guerra e que declarou marchar sobre Roma, mas nenhuma noticia official confirma estes rumores. Outros creem que Garibaldi, vista a vigilância dos francezes, desembarcará no golfo de Salerno.

Marrini envia-lhes dinheiro de Londres. A esquadra italiana tem tomado medidas para se oppor aos navios Garibaldinos.

Pariz, 11.—O sr. Dufaure foi nomeado decano do collegio dos advogados.

Munich, 10.—Sabe-se officialmente que Baviera se nega a adherir ao tratado franco-prussiano.

Trevino, 10.—Correm rumores de que vae celebrar-se um armistio de um mez entre os turcos e montenegrinos.

Turin, 10.—Na camara houve uma discussão por motivo de se ter dito que Garibaldi havia occupado Rocco e Palumbo. Pronunciaram-se varios discursos, dos quaes se deduz que Garibaldi obra contra o governo italiano, e contra a França, porque estas nações querem impedir de ir a Roma.

Um orador disse, que se Garibaldi triumphar tanto melhor, e se é vencido destruirá a Italia, que creou.

Ha cessado a saída de voluntarios Garibaldinos.

Palermo, 10.—Garibaldi está em Cattani-seta. Hão chegado varios deputados e preparam uma demonstração hostil ao sr. Ratazzi.

Genova, 10.—Nesta cidade houve uma demonstração unitaria pacifica.

O periodico «La Campana de la Gancia», diz que o unico meio de resolver as difficuldades actuaes e a demissão de Ratazzi.

Napoles, 10.—Ha muitas pessoas prezas por motivo dos alistamentos.

Cadiz, 10.—Hoje o primeiro dia da eleição para deputado o sr. Topeto obteve 146 votos e 113 o seu contrario o sr. Tagle.

A uma hora da tarde saiu para o Ultramar o vapor Correio — «Canarias.»

Burgos, 10.—Em Villareayo appareceram cinco homens montados que roubaram um cavallo. Diz-se que vinham com os uniformes da guarda civil. Tratam de os perseguir.

O texto do discurso, que o sr. Ratazzi pronunciou, na sessão do dia 3, na camara dos deputados italianos, respondendo á interpegação que lhe tinha dirigido o deputado Ferrari, e que

o telegrapho nos deu succintamente, é concebido nos seguintes termos:

«Responderei em poucas palavras ao sr. Ferrari. Os factos que motivaram a proclamação de que se tracta conhece-se a opinião geral; são os alistamentos que cada dia iam em augmento, e que operavam agentes que não tinham direito de fazel-os. Era, pois, indispensavel e urgente que, para fazer cessar todo o equivoço, a nação ouvisse a voz do seu rei e do seu governo.

A segunda pergunta de M. Ferrari responderei que a intenção da corôa é avisar os imprudentes. Antes de appellar para os meios extremos de que o governo podia dispor, julgamos dever nosso prevenir os que se declarassem contra a lei ou se pozessem acima d'ella.

Prestamos juramento ao Estatuto, e nenhuma razão de prudencia nos persuadirá a esquecel-o ou a não fazel-o respeitar. O rei, eleito pelo suffragio de 22 milhões, é o rei mais poderoso da terra; não tem nada a temer.

Se mantendo o Estatuto, chegamos ao ponto em que estamos, queremos, com a mesma bandeira levantada, sustentar o principio que fez a Italia o que ella hoje é.

O general Garibaldi não deu o reino d'Italia á casa de Saboya, não representa a Italia; só contribuiu poderosamente para a constituir, e fel-o pelo seu programma: «Italia e Victor Manoel». Mas é precisamente em virtude d'esses meritos que Garibaldi deve mostrar-se submisso á lei.

Se o general sahir da legalidade, se quizer fallar em nome do paiz, comprometter com os seus actos os destinos da nação, então o general Garibaldi caherá debaixo do golpe da lei.

Pela minha parte, estou convencido de que ante a auctoridade da palavra do rei, que sempre respeitou, reconhecerá que não tem o direito de fazer o que faz: assim é que tenho plena confiança em que a guerra civil se evitará.

Repillo a idéa d'um golpe d'Estado: é preciso governar com a lei, e nunca da minha bocca sahirá uma proposta de golpe d'Estado. Tenho esperança em que a voz do soberano se não terá levantado em vão; mas se assim não fosse, queria o sr. Ferrari que a sorte de Italia, ficasse abandonada nas mãos d'um só por grande que fosse?

O ministro da guerra d'Italia dirigiu ao exercito a seguinte ordem do dia:

«Soldados, «Alguns imprudentes (sconsigliati) ameaçam comprometter os destinos d'Italia.

O rei já fallou á nação, e a palavra real ensina-vos o caminho que tendes a seguir, o seguillo-heis.

Pela vossa attitude, pela vossa firmeza, evitaremos a maior das calamidades, a guerra civil.

E se, á voz do soberano, os culpados não sociegarem, ainda que vos doia, fareis o vosso dever.

Soldados! n'uma empreza insensata, invoca-se uma solidariedade convosco, que repillo em vosso nome.

Em vosso nome declaro que as vossas gloriosas tradições, a vossa gloriosa bandeira, que fluctua victoriosa em cem batalhas, não será manchada.

Soldados! o rei e a nação contam convosco.

As vossas antigas e recentes victorias sois chamados a ajuntar outra nova, a de sustentar o respeito das leis, a integridade dos direitos da corôa.

O ministro, A. Petitti.»

Garibaldi dirigiu aos membros da emigração hungara em Napoles, a seguinte carta:

«Palermo, 14 de julho.

«Meus caros amigos:

«Afflige-me a triste sorte que vos opprime, e farei por vós quanto eu poder.

«Não accuseis o meu pobre paiz pela injusta conducta que se tem para convosco.

«A Italia e a generosa Hungria estão para sempre ligadas com o vinculo indissolvel, estreitado no campo de batalha da liberdade; e se alguns mais cidadãos esquecem e desconhecem os titulos de semelhante fraternidade, a nação italiana não esquecerá nunca o que deve aos seus valentes irmãos da Hungria.

«Não desespero de partilhar das vossas fadigas pela santa causa da independencia dos povos, talvez antes do que o esperais.

«Acredita-me sempre vosso

Garibaldi.»

## VARIÉDADES

**Golotoneria.**—Seneca assegura que Marco Apicio era o maior golutão que houve até aos seus dias, pois sabendo que em Africa havia figos saborosissimos emprehendeu uma penosa viagem para ir tragal-os.

Aristogno Cirenaico foi tão comedor e guloso que fazia regar com vinho as couves do seu quintal para que crescessem e soubessem melhor.

O imperador Vetelio comia tres ou quatro vezes e tomavaervas medicinaes que provocassem o vomito afim de poder comer novamente.

Aristipo Cirineo resumia a sua felicidade em comer e beber.

Clodio Albino foi tão dado á gastronomia, que só a uma ceia comeu quinhentos figos, dez melões, vinte arrateis de uvas, cem tordos e quatrocentas ostras *si vera est fama*.

O imperador Maximo comia, ordinariamente

dez arrateis de carne e bebia um almude de vinho.

Milon Crotorense comia meio boi em vinte quatro horas com dez arrateis de pão.

Horacio refere que que Publico Golonio, pregoeiro de Roma, era tão golutão que nunca chegou a fartar-se de comer.

Mitridates mandava preparar grandes manjares e dava premios a quem os comesse melhor, isto para encobrir a propria golotoneria.

O pintor Heraclides desafiava todos a comer.

De muitos outros golutões nos falla a historia, que eram capazes de devorar o mundo inteiro.

E quantos gulosos não ha nos nossos dias cujos nomes deixam de figurar nas paginas da historia?

Que o digam as mudas paredes do Matta e do Victor; que o digam milhares de bancas de jantar; que o diga sobre tudo a meza do orçamento onde ha conviva capaz de esconder no faminho abdomen todas as rendas publicas.

**Para afugentar as formigas.**—Segunpo Mr. Raspail, afugentam-se as formigas, pondo um bocado de camphora em cada cova ou formigueiro.

Para livrarmos os enxertos das formigas, podemos não só usar desta receita, mas ainda atando uma corda de lã embebida em azeite ao redor do pé da arvore, ao pé da terra, com unto velho; ou tambem lançando em volta do pé da arvore felagem de chaminé.

**Nova industria.**—O célebre chimico Pasteur inventou um meio facil e economico para a fabricação do vinagre.

A sua base são os vegetaes que se desenvolvem nos liquidos em fermentação e que são conhecidos na sciencia com o nome de *Mycodermes*.

A flor do vinho e do vinagre, especie de vegetação que apparece na superficie d'estes liquidos, chamou a especial attenção do célebre chimico, que achou o meio de a converter em agente principal d'uma importante fabricação.

Com a flor do vinagre obtem Mr. Pasteur grandes quantidades do mesmo liquido.

## NOTICIARIO

**Festividade.**—Ha de ter lugar no domingo 24 do corrente, a de Nossa Senhora da Piedade, na capella de S. João do Rocio, havendo exposição e missa cantada; pregando de manhã o revd.º Antonio Augusto d'Oliveira Santos, e de tarde o revd.º João da Rocha Senos.

**Fallecimento.**—Falleceu no dia 17 do corrente o sr. Guilherme Augusto Sahuado, fiscal de tabaco neste districto.

**Munificencia regia.**—O correspondente do *Diario Mercantil* do Porto em data 4 do corrente conta o seguinte:

«Ha dias apresentou-se no paço para fallar a Sua Magestade El-rei D. Fernando um veterano, invalido do hospital de Runa. El-Rei com aquella affabilidade acariadora e paternal, caracteristica de toda a regia familia, recebeu o veterano, perguntando-lhe a que ia. O soldado com a maior franqueza, respondeu a El-Rei que ia procural-o, porque sabendo quando Sua Magestade era apreciador de antiguidades, queria mostrar-lhe cousa com que muito havia de folgar. O sr. D. Fernando, com a curiosidade natural do homem, mostrou-se ansioso por ver o objecto raro e antigo de que era portador e veterano.

«Este, então, tirou da algibeira uma certidão de idade, pela qual conste que o ente a que ella se refere tem 105 annos e seis mezes de idade. Era a do proprio soldado—verdadeira antiguidade muito bem conservada, e que a pé fizera o seu caminho de Runa para o paço.

El-Rei riu muito com a lembrança do bom veterano e mandou dar-lhe *pela sua antiguidade* 105\$500 réis, isto é tantos dez tostões, quantos annos o soldado tinha, que são 105 1/2.

«Accrescenta tambem quem mo contou esta noticia, que afóra a quantia acima o sr. D. Fernando mandára dar uma pensão mensal ao pobre velho.»

Se não é verdade é engraçada.

**Experiencias do caminho ferro.**—Effectuou-se, como annunciámos, a primeira corrida de experiencia dos comboyos do caminho de ferro, entre os pontos das Devezas e Vouga.

A hora marcada para a partida da locomotiva do sitio das Devezas era a das 6 da manhã.

A's cinco já partiam para o local muitos dos convidados, e as 5 1/2 era já crescido o numero de curiosos, que, destinando-se a passar a manhã ou o dia no arraial da Senhora do Pilar, quizeram ao mesmo tempo não perder a diversão, que offeria a festa da experiencia, cuja realisação para aquella hora, se fizera constar por todos os angulos da cidade.

Os wagons estavam á hora marcada assentes pela sua ordem sobre os rails, e partiram do sitio da Portalla ás 9 horas aproximadamente, seguindo á Magdalena, Valladares, Anta, Silvalde, Paramos Esmoriz, Maceda, Cortegaça, Ovar, Avanca, Estarreja, Canellas, Salreu e Vouga.

No sitio em frente d'Espinho, fez-se uma paragem, affluindo á linha um grande numero de pessoas d'aquella localidade.

D'ahi seguiu a locomotiva para Ovar, onde parou, entrando n'um wagon o engenheiro fiscal por conta do governo, o sr. Paes e outros convidados; gastando até ao Vouga o curto espaço de tempo de 2 horas, sem que houvesse alimentarse o mais pequeno desgosto. Assistiram os en-

genheiro Oswaldo, Rebello, Santamaria e Zappa.

No Vouga foi servido, a expensas do sr. visconde de Castro Silva, um opiparo lunch, presidido pelo seu exm.º pae o sr. visconde de Val Piedade, no fim do qual foram com muita razão, victoriados o homem de trabalho e coração, o sr. Calderon, o sr. Oswaldo e todos os engenheiros, recebendo tambem os srs. visconde de Castro Silva e pae, mui dicididas felicitações.

Em seguida, ás 5 horas da tarde, sahio do Vouga o comboio, recebendo toda a força de Estarreja até Valladares, vindo depois um pouco mais de vagar para evitar algum sinistro, que, não haver aquella acertada providencia, teria sido facil dar-se, visto achar-se o povo apinhado na estrada e collinas.

Antes de chegar a locomotiva á estação das Devezas, foi surpreendente e bello o panorama que disfructaram os passageiros. Era um estadal de cerca de 15.000 pessoas, que em massa compacta orlavam a estrada, taludes e trincheiras, afóra as que estavam juntas da estação das Devezas, estendendo-se até á quinta do sr. Brown.

No curso da ida e volta acompanhou a locomotiva, dentro d'um wagon, a banda extinta da guarda municipal.

Os comboyos estavam todos gallardamente adornados, vendo-se representadas pelas respectivas bandeiras as nações hespanhola, franceza, ingleza e portugueza. Entre os outros vinha um wagon especial, contendo todos os empregados do escriptorio da empreza, que entusiasticamente levantavam vivas de espaço a espaço á propriedade de Portugal, e ao seu digno chefe.

Em Ovar esperava a locomotiva immenso povo e senhoras, junto da estação, e em todo o transitio era festejado o progresso com viva expansão d'enthusiasmo. Um cavalheiro houve, que quando o *tender* deu o como que signal de aviso, ao sahir das Devezas, disse: *Eis a trombeta do progresso*—pensamento que merece registrar-se.

Este quarto ensaio, finalmente, recebeu uma completa ovação—e era justa, por que, se ainda ha portuguezes nesta nossa terra que embelam pelo bem da patria, seja elle trasido por gregos ou troyanos, muita razão havia para hontem serem, como foram, cobertos de louvor os aturados esforços de todos aquellos que trabalharam dias e noites, sem interrupção, para se poder realizar a experiencia.

Toda a secção de trabalhos a cargo do sr. Calderon, e dos seus amigos tem recebido notavel incremento, como pode ver-se das estações e obras d'arte já construidas.

Não está ainda fixado o dia da inauguração, mas espera-se que não excederá o fim do proximo mez.

J. do Porto

**Loteria.**—Na loteria da misericordia cuja extracção teve lugar no dia 13 do corrente, saíram premiados os seguintes numeros:

N.º	premios	N.º	premios
4:646	20:000\$	2:159	100\$
4:306	10:080\$	291	100\$
3:140	3:000\$	6:038	100\$
4:589	1:000\$	6:780	100\$
1:557	1:000\$	5:589	100\$
1:312	600\$	2:887	100\$
6:500	600\$	3:290	100\$
3:239	400\$	5:275	100\$
633	400\$	2:564	100\$
4:566	400\$	2:037	100\$
1:406	400\$	5:271	100\$
1:373	200\$	261	100\$
1:934	200\$	3:246	100\$
2:568	200\$	5:718	100\$
479	200\$	2:215	100\$
5:378	200\$	4:029	100\$
738	200\$	414	100\$
673	100\$	6:908	100\$
1:196	100\$	6:017	100\$
1:671	100\$	1:937	100\$
6:603	100\$	1:033	100\$
2:826	100\$	2:992	100\$
1:092	100\$	6:493	100\$
4:343	100\$		

**Invenção typographica.**—Lê-se n'uma correspondencia do *Comercio do Porto*:

«Vai haver uma revolução completa nas typographias. O typo e a maior parte dos aprestes actuaes serão inutilizados. Quem vem fazer a revolução é o novo invento, que bem se póde chamar maravilhoso, *compositor mechanico*.

O sr. Velloso, da imprensa nacional, actualmente em visita á exposição de Londres, viu a sua descripção. O seu trabalho, em tudo perfeito e completo, corresponde ao de dez compositores.

Parece que o compositor *individuo* faz funcionar o *compositor* o *machina* por meio de um teclado. Comas informações que o sr. Velloso dará, se forem em tudo satisfatorias, a *Correspondencia de Portugal* montará a sua officina com compositores mechanicos. Para a mesma officina virá tambem a maior machina de tiragem que ficará havendo no paiz. A encomenda é para uma machina de rotação, de quatro cilindros para imprimir dez mil exemplares por hora, occupando unicamente quatro pessoas.

**Morte de uma actriz.** Da Nação: Em Bordeos morreu ha poucos dias uma joven actriz em consequencia de uma infernal assobiação com que foi recebida na occasião de se apresentar em scena.

Tal foi pois a impressão que aquella infeliz artista recebeu!

O juiz de paz de Bordeos condemnou á pena de prisão e ao pagamento de uma multa varios mancebos dos que mais se tinham distinguido na arte de assobiar.

Não se refere o nome da defunta actriz.

**Theatro.**—Representou-se no domingo a *Dama das Camélias* em beneficio da primeira dama, a sr.<sup>a</sup> D. Antonia Joaquina, que foi quem desempenhou a parte da *Margarida Gauthier*.

Já nos espectaculos anteriores, e sobre tudo na *Condeza de Sennecey*, o publico teve occasião de avaliar esta actriz, que se desvela quanto pôde no desempenho dos papeis de que se encarrega.

No ultimo, a *Dama das Camélias*, esgotou todos os recursos da sua intelligencia e practica dos theatros, para desenhar, e corresponder ao continuado jogo d'affectos que deve traduzir a protagonista do drama. Envidou pois todo o seu cabedal, para rastrear a altura com que a personagem deve ser representada.

Se as palmas e applausos freneticos dos espectadores aquilatam o merito da actriz, a sr.<sup>a</sup> D. Antonia Joaquina hombrou com as Emilias das Neves, e com as Ristoris.

A parte desempenhada pela sr.<sup>a</sup> D. Florinda foi com certeza bem sustentada até ao fim. Comeu e bebeu com bom appetite á ceia, e no lado da desenvoltura, que o seu papel demanda, predominavam sempre as tendencias gastronomicas.

Vão hoje á scena em seu beneficio os *Dois mundos*, composição do sr. Cezar de Lacerda.

O publico não pode deixar de concorrer numeroso a ver representar este drama, para admirar os talentos do auctor, da beneficiada, e sobre tudo para ver como uma actriz, que á meia noite introduz no estomago dous frangos assados, não morre de indigestão, mas antes apparece no dia seguinte fresca e rosada, mesmo sem o auxilio do vermelhão do seu camarim.

O sr. Mendes Leal (Antonio) recitará o *Ave Cesar!*

Apesar da distancia que separa o *Prego do Ave Cesar* ouvimos que elle recita esta poesia com a mesma perfeição com que lhe ouvimos a quella.

Terminará hoje o espectaculo com:—A *Corda Sensível*, que já no nosso theatro foi á scena, e agradou.

Se nos consultassem, não se repetiria sem lhe mudar o nome, pois d'ahi supponmos que tem vindo ás nossas damas a facilidade com que á flux lhe correm as lagrimas, em que ensopam os lenços de cambraia bordada, e ao mais ligeiro lance sentimental. E d'ahi tambem aquelle olhar de soslaio, e amaveis censuras contra as insensíveis, que com risos e ápartes assistem a um acto tão serio da vida, como é a representação do tun drama no theatro dos nossos artistas.

**Sonda da barra.**—Foi sondada a barra no dia 16 do corrente, acharam-se-lhe 4.<sup>m</sup> de profundidade na praia már.

## CORREIO

### LISBOA 17 DE AGOSTO

(Do nosso correspondente.)

A ordem do dia nos circulos politicos e commerciaes desta cidade tem sido ultimamente a questão dos cereaes. A Sociedade Central de Agricultura Portugueza teve na quarta-feira á noute a sua segunda reunião para discutir e assumpto em ordem a satisfazer ás perguntas feitas pelo governo; isto é, se no estado das nossas colheitas era ou não conveniente a livre introdução dos cereaes estrangeiros. A discussão correu a principio fora da ordem occupando-se de theorias genericas que não vinham para o caso. Fallou-se, e muito, na necessidade de uma lei geral de exportação e importação de cereaes, necessidade que todos reconhecem, cuja satisfação porem deve ser depois do estabelecimento de bancos ruraes, e da promulgção de uma lei hypothecaria. Estas são as tres mais urgentes necessidades que tem a agricultura neste paiz, e será abençoado por todos os agricultores o ministro que as attender com toda a seriedade.

Respondendo ás perguntas do governo aquella associação disse que a importação do milho, cevada, legumes seccos etc. devia ser permitida immediatamente; sendo o todavia a do trigo só de janeiro proximo em diante; visto que as colheitas do continente, juntamente com as abundantes das Ilhas, e com os vinte mil e tantos moios que ficaram da ultima importação, podiam abastecer o mercado durante o corrente anno a um preço regular.

Parece-me rasoavel o voto desta associação. Não o entendeu porem assim o governo, o qual reunido em conselho de ministros no dia 14 submetteu á approvação de S. M. um projecto de decreto, que foi assignado no mesmo dia. Foi pois permitida a livre introdução de cereaes estrangeiros, trigo, milho, centeio, cevada e aveia em grão, farinha e pão cozido, pelos portos seccos e molhados do reino, até o fim de abril de 1863. Os cereaes estrangeiros assim admittidos ficam unicamente sujeitos aos direitos que pagam os nacionaes, quando são despachados para consumo.

Alguem pertendeu ver neste decreto um modo prompto de remediar um acto menos legal, que dias antes se tinha feito concedendo-se ao sr. João de Brito a permissão de importar até dois mil moios de trigo estrangeiro para o reexportar reduzido a farinha e a bolacha dentro de certo prazo.

Não sei se o decreto teve por fim desvanecer a má impressão que tinha produzido no publico aquella concessão; o que sei é que effectivamente o favor feito pelo ministerio da fazenda ao sr. João de Brito offendera a nossa legislação vigente sobre a materia.

A concessão feita ao sr. João de Brito

fundou-se nas allegações por este feitas; de possuir um estabelecimento de moinhos a vapor, apropriado a moagem, em grande escala, de cereaes, proporcionando assim a exportação de farinhas e de bolacha; de se ver obrigado a fechar este estabelecimento, deixando sem emprego perto de duzentas pessoas, attenta sempre escassissima a actual colheita de cereaes, e por esta razão acharem-se já tão elevados os seus preços nos mercados publicos, que tornam impossivel a exportação delles.

E' manifesta a illegalidade desta concessão. Se o governo conhecia a escacez dos cereaes devia conhecer a necessidade de fazer uma lei para todos, e não havia razão alguma pela qual o sr. Brito devesse ser favorecido com esquecimento dos interesses dos outros industriaes. A nossa legislação sobre importação de cereaes é prohibitiva; não se podia portanto invocar lei nenhuma que podesse desculpar uma tal concessão.

Com imparcialidade confesso que o favor feito ao sr. Brito merece censura; não creio todavia que esse acto irregular possa prejudicar os outros industriaes e commerciantes, agora depois da permissão da livre entrada dos cereaes estrangeiros.

—Estão certamente lembrados os leitores do *Districto d'Aveiro* que n'uma das minhas anteriores correspondencias, fallando da encomenda, que a camara municipal de Lisboa fizera para Londres, de mil e quatro centos metros de nobreza carmezim para forrar o pavilhão do terreiro do Paço, eu disse que os fabricantes d'esta cidade tinham pedido 1;600 rs. por cada metro de tres palmos de largura, em quanto que a camara ajustara a mesma fazenda feita em Inglaterra por 1:000 réis o metro de quatro palmos de largura. Assim se passou o caso, porém os fabricantes cuidadosos em descobrir a verdade que muito lhes interessava, poderam saber agora que a camara não incommendará nobreza, como dissera, mas sim fular, isto é uma seda ordinaria cheia de gomma que se desfaz ao puchal-a com pequena força; affiançam-me alguns dos fabricantes que semelhante fazenda se vende a quatro centos reis o metro, e portanto comprando a camara mil e quatro centos metros a 1:000 rs. deixa nas mãos do agente do negocio a insignificante quantia de 840\$000 rs. Os fabricantes sabendo isto requereram a camara que lhes mandasse certificar se tinham tratado com elles a fabricação de nobreza, e encomendado depois para Londres fular em lugar d'aquella fazenda; a camara recusou-se a mandar attestar o que se requeria naturalmente porque lhe não convinha que se soubesse officialmente a verdade. Esta questão não é destituida de importancia; e como eu contei a primeira parte, julguei-me obrigado a contar a segunda para credito dos nossos fabricantes.

—O negocio do caminho de ferro de Cintra teve o resultado que eu esperava. As propostas de Belgard não foram acceites. Algumas dellas pareceram-me rasoaveis. Belgard tomou passaporte e parece-me que já sahira para a França. Fica em campo o sr. Lucote, que promette não desistir das suas tentativas para ficar com a empresa; porem as suas propostas tem sido até hoje inaceitaveis.

—E' preciso noticiar a desagradavel pendencia que houve entre o sr. Antonio Augusto Teixeira e Vasconcellos, e o sr. João Felix Rodrigues, redactor do *Portuguez*. Por motivo de uma carta do sr. Antonio Rodrigues Sampayo publicada na *Revolução de Setembro*, o *Portuguez* fez uma allusão ao sr. Vasconcellos fallando em o negocio de Sire. O sr. Vasconcellos respondeu em um artigo forte áquella allusão fallando no nome do sr. João Felix, este replicou d'um modo insolentissimo, que provocou ao sr. Vasconcellos uma replica repassada de fel.

O sr. João Felix mandou ao sr. Vasconcellos, os srs. Manoel Patricio Alvares, e Manoel de Jesus Coelho a pedir explicações ácerca do seguinte paragrapho do artigo daquelle cavalleiro:

*«Tolo bom. Quem sabe que na minha vida não ha facto, que me deshonre, nem leviandade, que não fosse reparada com o meu sangue, nem accusação que não fosse desmentida, e convenida de falsa! Seja tolo embora, visto que todos o dizem, e elle proprio o confessa, tome leite de burra a ver se a substancia azinina vence a de vibora, que o vae minando, mas não se queira introduzir entre a gente honrada, tomando um epitheto, que só lhe poderá ajustar quando a Erpetologia (ciencia dos reptis) admittir que se possa chamar bom ao macho da Boa Constrictor. E nem assim. A Boa Constrictor é uma serpente vigorosa, não pode ter por marido um san-deiro!»*

Viu o sr. João Felix nestas ultimas palavras uma offensiva allusão a uma terceira pessoa, que lhe é cara. Eu sinceramente só vejo ali um engenhoso periodo para replicar á palavra *Bom*

Como o sr. Antonio Augusto não quiz escrever explicação alguma, nomeou este sr. duas testemunhas para tratarem deste negocio. Foram os srs. deputados Villas Boas, e João de Sousa Machado, proprietario da *Revolução de Setembro*; os quaes reunidos com os outros dois cavalleiros tiveram varias conferencias, tendo chegado a resolver que houvesse duello á pistola. Felizmente as coisas poderam ser arranjadas de um modo menos tragico. As quatro testemunhas publicaram uma declaração na qual se dizia que o sr. Antonio Augusto não tivera o intento de se referir a uma terceira pessoa, e que tanto este cavalleiro, como o sr. João Felix retiravam as

expressões injurias que entre si haviam trocado.

—Alguns correspondentes dos jornaes politicos continuam a abrir as suas cartas com profundas meditações sobre a influencia perniciosa do partido novo sobre os destinos da patria. Nesta escacez de colheita noticiosa, os illustres correspondentes, que não sabem de casa para sabermos o que ha, esfregam a testa para chamar as ideas, cravam a vista no tecto em busca da inspiração, e exclamam «o que se ha de dizer a este sincero publico avido de novidades, quando nada succede de que se possa contar? — Nem uma idea despenda na imaginação dos bons politicos, que bem puchada e batida na bigorna dos logares communs, e banalidades d'ocasião possa dar ao menos meia columna; por fim Ah! os homens acharam coisa boa, especie de molho de pasteleiro, que serve para umas poucas de vezes. Que cousa é essa? A desintelligencia entre o partido novo e o partido historico.

O correspondente cobra animo, molha a pena cheio de confiança nos seus recursos e diz:—As baterias estão assentes, o partido novo quer conquistar a praça do poder; o sr. José Estevão, é um general ambicioso e audaz; o Poço do Borratem começa a fornecer agua para as repartições publicas.

E mais ia por diante o monstro horrendo Com sermão que ninguém lhe encomendára, Quando o relógio seu lhe foi dizendo Que a hora do correio já soára.

Dizem os homens da opposição que a morte da «Politica Liberal» é assás significativa com respeito a tal questão do partido novo, e por consequencia do sr. José Estevão; e a final apenas significou falta de dinheiro. Os proprietarios ficaram devendo sete contos e quinhentos mil réis que tiveram de levantar por vezes para acudir ás despesas do jornal.

—Sahiu hontem para Angola o vapor «D. Pedro», levando a seu bordo o novo governador e mais empregados da quella provincia.

Foi como ajudante d'ordens do governador, o filho do sr. conde de Thomar, o sr. Fernando Augusto da Costa Cabral, tenente da armada.

O sr. Fernando da Costa Leite, tenente coronel do exercito d'Angola, foi governador de Mossamedes.

—Teve hontem uma larga conferencia com o sr. Mendes Leal, o sr. arcebispo de Gôa. Parece que este arcebispo foi confirmado pelo Papa com a comdição de ir a Roma antes de tomar posse da sua cadeira, e que o governo pertende que elle vá para o seu destino sem ir a Roma. Veremos em que o caso fica.

—Os trabalhos para os festejos reaes continuam com extraordinaria actividade. El-Rei determinou que as carroagens estejam promptas no fim do corrente mez. Teremos no porto de Lisboa quando chegar a nossa futura rainha muitos navios estrangeiros, hespanhoes, francezes, brazileiros, inglezes, e italianos. Está determinado que a princeza de Saboya não desembarcará no dia em que chegar, e nessa noite irão todas as bandas regimentaes em escaleres fazer uma serenata á joven princeza.

—O sr. visconde da Carreira, embaixador extraordinario do sr. D. Luiz sahira de Genova para Lisboa em 14 do corrente.

—A grande subscrição aberta na provincia da Bahia entre os portuguezes ali residentes tinha subido a 4:000\$000 réis.

—Na proxima quarta-feira são os exames do concurso para o lugar de primeiro official da secretaria d'estado dos negocios do reino. São concorrentes os srs. Infante Pessanha, Guilhermino de Barros, Ricardo Cordeiro Junior, Freitas e Oliveira, Ferraz de Miranda, Augusto Lima, Rodrigo Paganino e Eduardo Cunha.

—Ordenou-se aos governadores civis que procedam á distribuição da quota definitiva, tocante a cada districto dos 7:200 recrutas, que são chamados ao serviço do exercito no corrente anno.

—Tambem se ordenou aos mesmos governadores civis, que empreguem toda a sua sollicitude nos processos para a desamortisação dos bens das corporações religiosas.

—Recebeu-se no ministerio do reino o donativo de 200\$000 rs. feito pelo commendador Joaquim Pereira Marinho, da cidade da Bahia, em beneficio dos asylos dos orphãos desvalidos; e a quantia de 500\$000 rs. donativo para o mesmo fim da sociedade portugueza de beneficencia da Bahia.

—Está aberto o concurso para o provimento da igreja parochial de Santa Luzia, no concelho e diocese do Funchal.

—Ordenou-se que nos diferentes seminarios do reino só possam examinar professores nomeados pelo governo.

—Estão vagos muitos logares de facultativo e pharmaceutico com bons ordenados nas nossas possessões ultramarinas.

—Estão a concurso as cadeiras de instrucção primaria: de Serpa, S. Paio de Fam e S. Torquato, Moimenta da Serra e Torrozeiro, Pendurada, Gollegã, S. Pedro d'Agostem, Fontelo e Riudades.

## MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 15 d'agosto Entradas

PORTO Hiate port. Novo Atrevido, m. M. Marques, 6 pes. de trip. vazio.  
IDEM Hiate port. Principio, m. J. C. d'Oliveira, 6 pes. de trip. lastro.  
IDEM Hiate port. Cruz, 2.<sup>a</sup> m. J. da Rocha, 7 pes. de trip. lastro.

IDEM Hiate port. Dois Irmãos, m. M. A. G. Netto, 7 pes. de trip. lastro.

IDEM Rasca port. Carolina, m. J. A. de Pinho, 13 pes. de trip. lastro.

IDEM Cahique port. Perola do Vouga, m. M. Vicente, 5 pes. de trip. peixe salgado.

### Em 16

CAMINHA E MATTOZINHOS Batcira port. Olho Vivo m. D. d'Angelica, 6 pes de trip., vazio.

### Sahidas.

PORTO Hiate port. Novo triumpho m. F. A. Lopes, 6 pes. de trip., sal.

IDEM Hiate port. Nova União, m. M. dos S. Chuva, 8 pes. de trip., sal.

PORTO Rasca port. Correio de Aveiro m. A. M. Rufvo. Spes. de trip., sal.

## COMMERCIO

Mercado de Aveiro, em 18 de Agosto de 1862

Trigo.	por alqueire	820
Milho da terra	»	560
Dito do norte.	»	»
Farinha de milho	»	680
Feijão branco	»	560
Dito encarnado	»	460
Dito frade amarello	»	380
Centeio	»	560
Cevada	»	300
Batata.	»	240
Azeite.	almude	4:200
Sal	moio de razas.	3:000
Vinho.	almude	2:400

## ANNUNCIOS

Quem quizer comprar uma porção grande de pipas de carvalho de Amburgo, ou em porções pequenas, dirija-se a Antonio José de Sousa, na rua da Arrochella, n'esta cidade, que está encarregado de as vender. 2 A

## QUADROS D'ALMA

OU

## A MULHER ATRAVEZ DOS SEculos

POR

Porphyrio José Pereira

Um volume em 8.<sup>o</sup> grande, br. com o retrato do auctor. — Aha-se á venda em Lisboa, na typographia Universal, rua dos Calafates n.<sup>o</sup> 110, e nas lojas do costume. — Preço 800 rs.

Para as Provincias e Ilhas será remetido franco de porte a quem enviar a sua importancia por meio de vale do correio, ou em estampilhas, ao editor José Maria Correia de Seabra. — Em Lisboa.

## A VERDADE

DO

## CHRISTIANISMO E SUA INFLUENCIA,

por Carlos M. de Almeida, um folheto em 8.<sup>o</sup> gr. br. — Acha-se á venda em Lisboa, nas principaes lojas de livros. — Preço 200 rs.

Para as Provincias e Ilhas, será remetido franco de porte, a quem enviar a sua importancia por vale do correio, ou em estampilhas a C. M. Pinto de Almeida. — Lisboa. — Typographia Universal, rua dos Calafates n.<sup>o</sup> 110.

## COLLECCÃO

DE

Poesias publicadas e ineditas

A

Morte do chorado monarca

## O SENHOR D. PEDRO V,

Publicados por

Francisco José da Cunha

Este folheto acha-se á venda na loja do encadernador José Maria Saraiva, na rua Direita em Aveiro. — Preço 100 réis.

## THEATRO DOS ARTISTAS

Terça-feira 19 do corrente

A companhia dramatica lisbonense sob a direcção dos actores Macedo e Mendes Leal (Antonio,) levará á scena o seguinte espectaculo com o drama em 3 actos:

### OS DOIS MUNDOS

Original do sr. Cesar de Lacerda

### AVE CESAR!

Elegia á morte de Carlos Alberto; original do sr. Mendes Leal Junior, recitada pelo sr. Mendes Leal (Antonio)

### A CORDA SENSIVEL

Comedia em 1 acto, ornada de couplets, versão de Mendes Leal (Antonio)

Principiará ás 8 horas e 3/4.

### Quinta-feira 21 do corrente.

A mesma sociedade lisbonense levará á scena o seguinte espectaculo:

### A ULTIMA CARTA

Drama em 3 actos

Continuação dos — Dois Mundos, — original do mesmo autor.

### O CASAMENTO POR PROCURAÇÃO

Comedia em 1 acto ornada de couplets.

Os bilhetes acham-se á venda no escriptorio da Companhia, debaixo dos Arcos n.<sup>o</sup> 17.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.